

Carta do Prelado (Agosto 2007)

Dar a descobrir a amigos e familiares a própria fé é uma tarefa do cristão, recorda D. Javier Echevarría na sua carta deste mês. Com palavras do Papa, sublinha que fazer apostolado é “um serviço à alegria, à alegria de Deus que quer entrar no mundo”.

06/08/2007

Queridíssimos, que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Recordava-vos no mês passado, recorrendo ao exemplo dos primeiros cristãos, que o apostolado dos filhos de Deus há-de ser optimista, cheio de segurança na eficácia do trabalho apostólico. O Mestre disse-nos: *euntes docete omnes gentes* (*Mt 28, 19*), ide por todo o mundo, ensinai o Evangelho a toda a criatura. E não nos deixa sozinhos: *sabei que Eu estou convosco até ao fim do mundo* (*Mt 28, 20*).

Compreende-se que para S. Josemaria a Terra parecesse pequena. Recordo – ouvi-lho contar – um episódio ocorrido em Abril de 1936. Tinha ido a Valênciia para preparar o terreno da primeira expansão apostólica do Opus Dei fora de Madrid e aí apresentou a um universitário a possibilidade de pedir a admissão na Obra. Caminhando e falando, chegaram à costa do Mediterrâneo. Aquele rapaz comentou: “Padre, que grande é o

mar!”. A resposta de S. Josemaria foi imediata: “pois a mim parece-me pequeno”. Pensava noutras mares e noutras terras aonde os seus filhos e as suas filhas haviam de ir quando fosse possível, levando consigo o espírito recebido de Deus. E alimentou esta ânsia de almas até ao último instante.

Naquela altura, pelas circunstâncias da guerra civil espanhola, não se pôde realizar a desejada expansão apostólica. Não desanimou, nem sequer quando, em Agosto de 1936, se viu obrigado a abandonar a casa onde vivia com a sua mãe e os seus irmãos, fugindo da perseguição religiosa que se tinha desencadeado.

Começaram então uns meses difílicos em que o nosso Fundador se encontrou, pelo menos por duas vezes, à beira do martírio. Nessas circunstâncias, como é do vosso conhecimento, refugiou-se em vários

lugares que lhe ofereciam uma escassíssima segurança. Mas continuou a exercer, dentro do possível, o seu ministério sacerdotal e a ocupar-se do atendimento espiritual dos primeiros membros da Obra. Quando, em 31 de Agosto de 1937 – faz agora setenta anos – pôde abandonar o precário refúgio onde tinha permanecido durante vários meses, dedicou-se com nova intensidade à sua tarefa espiritual, chegando mesmo a arriscar a vida, tarefa a que já se dedicava no esconderijo do Consulado das Honduras. Os frutos dessa sementeira não se perderam: para além de terem sido copiosos já nessa altura, colher-se-iam depois com abundância, graças à maravilhosa floração de pessoas escolhidas por Deus para O servir no Opus Dei.

S. Josemaria sentia-se cidadão do mundo, por isso não se considerava estrangeiro em lado nenhum. Sabia

descobrir imediatamente o lado positivo dos países, e esforçava-se por aprender com as pessoas que encontrava. Interessava-se por cada uma delas, também pelas que não conhecia. Durante as suas viagens apostólicas, rezava generosamente por todos. Podia afirmar com verdade que tinha feito a *pré-historia* da Obra – a preparação do futuro trabalho apostólico – em muitas nações onde os fiéis do Opus Dei trabalhariam anos depois. Eu diria que em todas, porque nos seus momentos de oração em frente do Sacrário e nas longas horas de trabalho no escritório, percorria o mundo inteiro uma e outra vez, colocando aos pés do Senhor o futuro trabalho apostólico das suas filhas e dos seus filhos. Gostava de ter na mesa um mapa-mundo: era um recurso que lhe servia para percorrer com a imaginação o mundo inteiro, com fome de o cristianizar ou recristianizar.

Também nós, como o nosso Padre, temos de ir à procura de todos.

Ninguém nos é indiferente: “de cem almas interessam-nos as cem” (S. Josemaria, *Sulco*, n. 183). Meditai numas palavras de Bento XVI dirigidas aos cristãos: «Não podemos guardar para nós a alegria da fé, devemos defendê-la e transmiti-la, fortalecendo-a assim no nosso coração. Se a fé se transforma realmente em alegria por ter encontrado a verdade e o amor, é inevitável o desejo de a transmitir, de a comunicar aos outros. Por aqui passa, em grande medida, a nova evangelização a que o nosso amado Papa João Paulo II nos chamou.»

«De forma sempre delicada e respeitadora, mas também clara e valente, devemos fazer um especial convite para o seguimento de Jesus aos rapazes e raparigas que parecem mais atraídos e fascinados pela amizade com Ele» (Discurso na

inauguração da Assembleia
Diocesana de Roma, 11-6-2007).

Nós temos de apresentar esta possibilidade a muitas raparigas e a muitos rapazes, para servirem a Igreja e as almas no Opus Dei, no celibato ou no casamento. O Senhor quer enviar um grande número de apóstolos a divulgarem por todo o lado o anúncio alegre do Evangelho, com o exemplo da sua vida e a força da sua palavra. Não nos detenhamos nas dificuldades culturais ou do ambiente, mesmo que sejam objectivas. Porque também a graça de Deus é muito *objectiva*, é o factor principal com que necessariamente temos de contar. Por isso vos repito, com palavras do nosso Padre: “é questão de fé!”

Convençamo-nos de que o Senhor, desde antes da criação do mundo (cfr. *Ef* 1, 4), escolheu muitas e muitos para serem *pescadores de*

homens (Lc 5, 10), servindo-O indiviso corde (cfr. 1 Cor 7, 25-30), sem a mediação de um amor humano.

Tenhamos pois como dirigidas a nós aquelas palavras do profeta Jeremias, que o nosso Padre aplicava às circunstâncias concretas de cada um. «*Eis que mandarei muitos pescadores, promete o Senhor, e pescarei esses peixes (Jr. 16, 16).*

Assim nos indica Deus o nosso grande trabalho: pescar. Falando ou escrevendo, às vezes compara-se o mundo com o mar. E há muita verdade nessa comparação. Na vida humana, tal como no mar, há períodos de calma e períodos de borrasca, de tranquilidade e de forte ventania. Muitas vezes os homens nadam em águas amargas, no meio de grandes vagas; caminham no meio de tormentas; viajam cheios de tristeza, mesmo quando parece que têm alegria, mesmo quando falam ruidosamente: gargalhadas que pretendem encobrir o seu desalento,

o seu desgosto, a sua vida sem caridade nem compreensão. E devoram-se uns aos outros, tanto os homens como os peixes...

»É missão dos filhos de Deus conseguir que todos os homens entrem – com liberdade – dentro da rede divina, para que se amem. Se somos cristãos temos de converter-nos nos pescadores de que fala o profeta Jeremias. Jesus Cristo também utilizou repetidamente essa metáfora: *Segui-me e Eu vos farei pescadores de homens* (*Mt 4, 19*), diz a Pedro e a André» (S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 259).

«É precisamente assim – dizia Bento XVI na Missa de início do pontificado –: na missão de pescador de homens, no seguimento de Cristo, é necessário conduzir os homens para fora do mar salgado de todas as alienações rumo à terra da vida, rumo à luz de Deus (...). Não há nada de mais belo

do que ser alcançados, surpreendidos pelo Evangelho, por Cristo. Não há nada de mais belo do que conhecê-Lo e comunicar com os outros a Sua amizade. A tarefa do pastor, do pescador de homens muitas vezes pode parecer cansativa. Mas é bela e grande, porque em definitiva é um serviço à alegria, à alegria de Deus que quer entrar no mundo» (*Homilia*, 24-05-2005).

Não devemos estranhar que alguns resistam a este maravilhoso convite. Pode acontecer com homens ou mulheres dotados de excelentes condições humanas, pessoas com possibilidades de dar muita glória a Deus, de serem instrumentos eficazes nas Suas mãos... e, no entanto, não respondem ou, pelo menos, não respondem com a prontidão desejável.«Que compaixão te inspiram!..., comenta S. Josemaria. Quererias gritar-lhes que estão a perder o tempo...Por que são tão

cegos e não percebem o que tu – miserável – viste? Por que não hão-de preferir o melhor?

»Reza, mortifica-te e depois – tens obrigação! – acorda-os um a um, explicando-lhes – também um a um – que, tal como tu, podem encontrar um caminho divino, sem abandonar o lugar que ocupam na sociedade» (S. Josemaria, *Sulco*, n. 182).

Vede como Santo Agostinho se exprimia a propósito daqueles que não se mostravam dispostos a escutá-lo quando os animava a mudarem o seu comportamento, a serem bons cristãos. Falando dos deveres do bom pastor – e todos na Igreja havemos de ser ao mesmo tempo *ovelha e pastor* –, o Santo Doutor escrevia: «Há ovelhas contumazes. Quando as procuramos, andam desencaminhadas e dizem, no seu erro e para sua perdição, que nada têm a ver connosco. “Para que nos

quereis? Para que nos procuraís?” Como se a causa de nos preocuparmos com elas e de as procurarmos não fosse a de se encontrarem no erro e a de se perderem. Respondem: “Se me encontro no erro, se estou perdido, para que me queres? Por que me procuras?” Porque estás no erro quero chamar-te de novo, porque te perdeste e quero encontrar-te. “Assim quero errar”, responde. “Deste modo quero perder-me.” Queres errar assim e assim perder-te? Então com quanta mais razão quero eu evitá-lo! Atrevo-me a dizer até que sou importuno. Escuto o Apóstolo que recomenda: *prega a palavra, insiste a tempo e fora de tempo* (2Tm 4,2). A quem a tempo? A quem fora de tempo? A tempo aos que querem, fora de tempo aos que não querem» (Santo Agostinho, *Sermão 46, sobre os pastores*, n. 14).

Minha filha, meu filho, fazes apostolado todos os dias? Aproveitas, sem respeitos humanos, as diferentes oportunidades? Pensas naquelas palavras do Evangelho – *hominem non habeo (Jo 5, 7)* –, para que ninguém possa dizer de nós, de ti, que não houve uma pessoa que o ajudasse?

Como todos os anos por esta altura, vamo-nos preparando para a grande solenidade da Assunção de Nossa Senhora, na qual renovaremos a Consagração do Opus Dei ao Coração Dulcíssimo de Maria. Ao pedir-Lhe, fazendo eco do nosso Padre e do queridíssimo D. Álvaro, que nos prepare e nos conserve o caminho seguro – *iter para tutum, iter serva tutum!* – ponhamos especialmente nas suas mãos a expansão apostólica em tantos países: nos que estamos a começar, naqueles a que queremos ir quanto antes, naqueles em que trabalhamos há anos, para que o

espírito da Obra chegue quanto antes
a muitos outros lugares.

Com todo o carinho, vos abençoa
o vosso Padre
+ Javier

Pamplona, 1 de Agosto de 2007.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/carta-do-
prelado-agosto-2007/](https://opusdei.org/pt-pt/article/carta-do-prelado-agosto-2007/) (28/01/2026)